

Acordo fracassa e PMDB

DE S. PAULO

Amc

Quinta-feira, 3 de dezembro de 1987 — POLÍTICA — A -

adia a votação do regimento

Da Sucursal de Brasília

Com apoio dos partidos de esquerda, a cúpula do PMDB conseguiu adiar para hoje, às 10h, a votação do regimento do Congresso constituinte, prevista para ontem à tarde. Foi uma manobra do partido executada através do senador Mário Maia (PDT-AC), que presidia a sessão e a encerrou abruptamente às 18h35. A manobra foi consequência do fracasso das negociações com o "Centrão", o bloco suprapartidário da Constituinte.



O adiamento foi possível através de um artifício regimental. Iniciada às 14h30, a sessão de ontem foi preenchida com discursos de parlamentares, enquanto os líderes dos grupos, pelos gabinetes tentavam um acordo de última hora. No fim da tarde, quando o "Centrão" foi a plenário para finalmente votar sua proposta de regimento, teve que apresentar um requerimento propondo a prorrogação da sessão, já que ela, normalmente, terminaria às 18h30. Neste momento começou a manobra. O requerimento de prorrogação só poderia ser aceito pela Mesa se fosse apresentado antes do fim da sessão. O deputado José Genoíno (PT-SP) pegou o microfone e falou sem parar até o relógio marcar 18h30.

Segundo o deputado José Moura (PFL-PE), o adiamento foi uma estratégia intencional do PMDB para tentar esvaziar a maioria do "Centrão". Durante todo o dia, os peemedebistas e a esquerda protelaram ao máximo o início da sessão, simulando uma perspectiva de acordo com o "Centrão" que nunca se concretizou.

Nesta hora do almoço, os líderes do PMDB e do "Centrão" haviam chegado a um entendimento em cima dos seguintes pontos: a preferência de votação às emendas que tivessem 280 assinaturas seria automática, como queria o "Centrão", ou seja, a preferência não seria votada, como

queria o PMDB. Por outro lado, o "Centrão" concordava que o requerimento para votação de destaques individuais teria que ser votado, não bastando o número fixado de 187 assinaturas. No final da tarde, o PMDB voltou atrás, o que levou todo o comando do "Centrão" a invadir o gabinete do deputado Ulysses Guimarães, às 18h15, para anunciar o fim das negociações. "Vamos votar, vamos votar", gritava; no gabinete de Ulysses o deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ). "Não há entendimento, vamos fazer valer a maioria" completou o deputado Roberto Fiuza (PFL-PE), outro líder do "Centrão".

Estiveram no gabinete de Ulysses o senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP), os deputados Néelson Jobim (PMDB-RS) e Antônio Brito (PMDB-RS), além do próprio Ulysses. Pelo "Centrão", estiveram os deputados Bonifácio Andrada (PDS-MG), Ricardo Fiuza (PFL-PE), Gastone Righi (PTB-SP), Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP). Faltou, porém, um personagem fundamental: o senador Mário Covas (PMDB-SP), que não aceitava o item sobre as preferências automáticas, vital para o "Centrão".

O próprio Ulysses, sintomaticamente, saiu da reunião dizendo que o acordo só dependia de Covas. À tarde, os mesmos líderes do PMDB reuniram-se com Covas, no gabinete deste. Surpreendentemente, anunciaram exatamente o contrário: não abriam mão de que as preferências fossem votadas em plenário. "Este é um ponto, para nós, fundamental", disse Covas.

"Ficou o dito pelo não dito" — disse o senador Edison Lobão (PFL-MA), do "Centrão". Os líderes do PMDB voltaram ao gabinete de Ulysses. Os líderes do PT, PDT, PSB e PC do B também foram chamados e disseram que não aceitariam o acordo. Ulysses chamou os líderes do "Centrão". A esta altura já eram 18h15. Quando o "Centrão" percebeu que a intenção da cúpula do PMDB era protelar a votação e adia-la para hoje seus líderes saíram correndo para o plenário.